

BOURDIEU, Pierre. Você disse “popular”? / Pierre Bourdieu (org.). Tradução de Denici Barbara Catani. **Revista Brasileira de Educação**, n. 1, jan/fev/mar/abr, 1996, p. 16-26.

## UMA BREVE ANÁLISE DA CULTURA POPULAR E DA DOMINAÇÃO SIMBÓLICA EM PIERRE BOURDIEU

Caio Murilo Pereira<sup>1</sup>

Em seu texto “*Você disse popular?*”, traduzido por Denici Barbara Catani e publicado originalmente sob o título “*Vous avez dit ‘populaire?’*”, em *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 46, março, 1983, p. 98-105, Paris, Pierre Bourdieu (1996) contempla um estudo relacionando a linguagem com a dominação simbólica. Em sua tese, o autor salienta que, para compreender a noção de “linguagem popular”, define-se apenas o conjunto daquilo que é excluído da língua legítima pela imposição posta, exercida e moldada pelo sistema escolar. Nesse sentido, de acordo com o autor, o uso da gíria está inserido dentro da dominação simbólica.

Bourdieu tece um conjunto de ideias em relação ao uso da gíria. Para ele, o francês “não-convencional” revela, com toda a certeza, o léxico dito “popular”. É assegurado pelo sociólogo que algumas das correntes presentes nos meios populares das cidades são, normalmente, censuradas ou, até mesmo, evitadas pelo conjunto da burguesia cultivada. Com o intuito de impedir que as condições sociais sejam esquecidas, Bourdieu define que para essa língua popular (ou não-convencional), seria necessário incitar o que se é denominado ou visto como “menos popular”. Bourdieu ainda observa que a produção e o consumo do que se enxerga como “cultura popular”, para encontrar a confusão na coerência parcial, que quase sempre recobre as definições implícitas, seriam totalmente excluídos.

Segundo Bourdieu, há uma vasta confusão em relação à coerência parcial, pela qual a noção de linguagem popular se torna um dos produtos de aplicação da taxonomia dualista que estrutura o mundo social, com base nas categorias que lhes são atribuídas. Acerca disso, Bourdieu enfatiza que as categorias míticas são ignoradas, organizando, desse modo, oposições que os usuários da “língua padrão” utilizam para classificar os outros e denominá-los conforme o seu julgamento.

<sup>1</sup> Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e atual bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq - PIBIC - do curso de graduação em Filosofia.

Com base em seu aparato terminológico, pode-se dizer que Bourdieu explicita o conceito de “dominação” entre as autoridades e os dominados. Os que são classificados como dominados aplicam, em seu próprio mundo social, os fundamentos e princípios da divisão. Bourdieu faz ainda, conforme o decorrer de sua análise, um panorama sobre a oposição entre a virilidade e a docilidade, puxando, de forma semelhante, um gancho voltado para a visão dominante, ao passo de salientar que a força está atrelada aos verdadeiros “machos”, enquanto a fraqueza está atribuída aos mais “afeminados”.

A gíria, como bem alegam as palavras de Bourdieu, é o produto do desdobramento que aplica a própria linguagem popular aos princípios da divisão, possuindo fatores que são determinantes dos *habitus* linguísticos. O autor ainda ressalta a questão dos mercados para a sua própria constituição, como o efeito causado pelo sistema escolar e pelos agrupamentos homogêneos. Na esfera dos mercados abertos, Bourdieu traça que eles se encontram em extremo oposto, diferindo-se do que é observado por ele nos cafés, já que a referida lógica se define com relação ao discurso legítimo. Bourdieu entende que o que se permeia nesses discursos, de fato, ocorre por meio de uma produção voltada pelas trocas familiares e privadas, introduzindo com a questão de representação por meio das mulheres. Apesar disso, os mercados dominantes, tanto públicos, quanto oficiais, acabam sugerindo aos mais desprovidos econômica e culturalmente, problemas em relação à forma mais popular do uso da linguagem.

O que fica evidente na ideia central defendida por Pierre Bourdieu, portanto, é de que a gíria é um produto da dominação simbólica, exposta pelos dominantes e que está inserida no universo “popular”, condenada, principalmente, pelo uso dos dicionários e livros linguísticos. A linguagem “não-convencional” ou “informal” é marcada, como bem explana Bourdieu, por um vasto uso negativo, se tratando de uma natureza linguística que provém daqueles que são vistos como dominados, submissos e, inclusive, inferiores, tendo ainda como maior finalidade beneficiar-se de liberdades reguladas ou oferecidas pelos próprios mercados.